

OS IMPACTOS NA ALFABETIZAÇÃO PÓS-PANDEMIA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA NAS PRODUÇÕES INSTITUCIONAIS DOS ANOS INICIAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Aparecida Natalia dos Santos Nunes¹

Rosana Caron de Paula²

Errivaine Aparecida Ferreira Gomes³

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar os indicadores educacionais correspondentes ao Ciclo alfabetizador na idade certa, instituído pelo Ministério da Educação, no Plano Nacional de Educação 2014, em sua Meta 5 — Alfabetizar todas as crianças, no máximo até o final do 3º ano do Ensino Fundamental, bem como, identificar as defasagens de aprendizagens no processo de alfabetização no período pós pandemia, As considerações teóricas sobre alfabetização, no contexto da pesquisa, fundamentam-se em: Ferreiro (2017); Weisz, (2018); Soares (2018); dentre outros. O percurso metodológico da pesquisa permeou a abordagem explicativa-qualitativa, e como instrumento de coleta de dados os referenciais bibliográficos de natureza mista. Por meio dessa pesquisa identificou-se que no Ciclo Alfabetizador, no período de pandemia, os estudantes apresentaram defasagens em seus processos de alfabetização, que as aulas presenciais e a mediação do professor são fundamentais para que os estudantes se apropriem de saberes do mundo letrado, com fluência leitora e escritora.

Palavras-chave: alfabetização; pandemia; indicadores; fluência leitora e escritora

ABSTRACT

This study aims to analyze the educational indicators corresponding to the Literacy Cycle at the Right Age, established by the Ministry of Education, in the 2014 National Education Plan, in its Goal 5 - Teach all children to read and write, at most by the end of the 3rd year of Elementary School, as well as identify learning gaps in the literacy process in the post-pandemic period. The theoretical considerations on literacy, in the context of the research, are based on: Ferreiro (2017); Weisz, (2018); Soares (2018); among others. The methodological path of the research permeated the explanatory-qualitative approach, and as a data collection instrument, bibliographic references of a mixed nature. Through this research, it was identified that in the Literacy Cycle, during the pandemic, students presented gaps in their literacy processes, and that face-to-face classes and teacher mediation are essential for students to acquire knowledge of the literate world, with reading and writing fluency.

Keywords: literacy; pandemic; indicators; reading and writing fluency.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário de Jales/SP (UNIJALES).

² Acadêmica do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário de Jales/SP (UNIJALES).

³ Mestre em Educação, orientadora e professora do Curso de Pedagogia Centro Universitário de Jales/SP (UNIJALES).

INTRODUÇÃO

A Alfabetização é um processo construído por meio da aprendizagem de um sistema de representação da forma gráfica de como se escreve com o que se fala – o sistema alfabético, bem como, das normatizações que regem seu uso. É um elemento colaborador que a cada momento tem novos estímulos, levando o educador, principalmente, o que atua no ciclo alfabetizador, correspondente ao 1º e 2º anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a entender que as pessoas quando iniciam seus processos de escolarização já possuem conhecimentos da língua falada e escrita, mesmo sem saberem ler convencionalmente.

Assim, o conhecimento do sistema de hipóteses de leitura e escrita, desde os primeiros anos de vida torna-se basilar, pois, a criança ao ter ascensão a esse mundo letrado terá a oportunidade de desenvolver-se de modo mais autônomo para se alfabetizar. Esse processo não é muito simples, como enfatiza Weisz (2018, p.11) ao afirmar que “o processo de alfabetização nada tem de mecânico, do ponto de vista da criança que aprende”, conseqüentemente, que o ato de ler não se reduz à leitura da palavra.

De acordo com Soares (2018) a alfabetização é indispensável e significativa na vida dos estudantes, porque excede o aprender a comunicar-se e a decodificar-se códigos. Constituem-se a possibilidade de ampliar a visão de mundo, do papel em uma sociedade letrada e de compreender a função social da leitura e escrita em suas vidas.

Posto isso, há de se considerar que qualquer realidade que interrompa esse processo gera conseqüências, tais como, as que se vivenciou no ano de 2020, por meio do vírus Covid-19, desencadeador de uma pandemia globalizada. Compreendendo-se Pandemia como Schueler (2021) “[...] a disseminação mundial de uma nova doença.”

Segundo Santos *et al.* (2023) desde as conseqüências orgânicas, além de sua letalidade, essa pandemia gerou distanciamento físico entre as pessoas, afetando a vida de muitos estudantes, pois com a suspensão das aulas presenciais, como forma de combate à doença, originaram-se as aulas remotas, tornando complexos os processos de ensino e aprendizagem, agravados pelas dificuldades dos alunos em sua maioria, por falta de equipamentos tecnológicos e de infraestrutura domiciliar, prejudicando sobremaneira a aprendizagem dos estudantes no ciclo alfabetizador. Ainda, ocasionando problemas de ordem cognitiva, linguística, emocional e social e maiores prejuízos aos que se encontravam em fase de alfabetização.

Nesse viés, dentre outros instrumentos, procurou-se por meio dos indicadores apresentados pelos órgãos institucionais competentes, dentre eles, o Ministério da Educação e

Cultura (MEC), da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SECUC/SP) analisar os indicadores educacionais correspondentes aos 1º e 2º anos, bem como, identificar as defasagens de aprendizagens no processo de alfabetização no período pós pandemia e, por fim, apresentar possíveis alternativas didático-pedagógicas para que os alunos que advém desse período, caso necessitem, recuperem e recomponham lacunas de aprendizagem, em seu processo de alfabetização, para que se cumpra o que está instituído pelo MEC, no Plano Nacional de Educação 2014, em sua Meta 5 - Alfabetizar todas as crianças, no máximo até o final do 3º ano do Ensino Fundamental (Brasil, Ministério da Educação, 2014).

Quanto aos procedimentos metodológicos, constituiu-se de pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão da literatura relacionada à temática abordada. Optou-se por esse tipo de abordagem teórica em razão de que essa pesquisa possibilita a resolução de um problema, a partir de referenciais teóricos publicados, onde análises e discussões de diversas contribuições científicas fornecem subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado. Inicialmente, fez-se leitura e análises das fontes selecionadas, dentre elas: livros, revistas acadêmicas científicas, disponíveis de modo *online*, em sites oficiais, como: *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, Google Acadêmico e Periódicos Capes.

Dessa maneira, estudou-se e comparou-se os diferentes dados nas fontes consultadas, a fim de ajudar a esclarecer os conceitos de Alfabetização e Letramento, competências leitora e escritora, fluência leitora e escritora, bem como, pandemia. Ainda, nessa perspectiva, somaram-se às fontes o uso de indicadores do MEC, da SECUC/SP, e de outras instituições parceiras desses órgãos, permitindo assim, a identificação de possíveis prejuízos na aquisição das competências e fluência leitora e escritora, fundamentais na alfabetização desses estudantes provenientes desse período pandêmico e de como auxiliá-los para que possam saná-los.

No aspecto teórico conceitual, dentre os autores estudados, alicerçou-se em Emília Ferreiro para a compreensão do processo alfabetizador; em Telma Weisz de como desenvolver a competência leitora e escritora dos alunos e em Magda Soares sobre o processo de alfabetização, seus níveis e as possibilidades de trabalho pedagógico nessa etapa, como também, a dimensão social do ser humano e das aprendizagens para que seja um sujeito alfabetizado na idade certa e, posteriormente, letrado.

Outro aspecto a ser considerado foi o da estruturação dessa pesquisa. Dividiu-se em dois capítulos. O primeiro constituiu-se da abordagem teórica conceitual de Alfabetização, Letramento e suas hipóteses de leitura e escrita, em conformidade com Ferreiro (2017), em sua

Psicogênese da Língua Escrita. E por fim, as análises dos quadros quantitativos dos levantamentos das situações dos alunos – anos iniciais de 2021 a 2023.

CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Em conformidade com as concepções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), concebe-se que desde que nasce e na Educação Infantil, a criança precisa estar inserida em um contexto de diferentes práticas letradas e participar ativamente do que lhe é proposto. Entretanto, são nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize (Brasil, 2018 - Base Nacional Comum Curricular, 2018, p. 89). Por isso, a importância da alfabetização ter foco na ação pedagógica.

Diante desses preceitos a BNCC define alfabetizar como:

[...] alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. [...] é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. [...] conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (Brasil, 2024, p. 89-90).

Ainda, “[...] trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá esse processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante” (Brasil, 2024, p. 90).

Nessa perspectiva, Ferreiro (2017, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Afirma que no processo de construção da leitura e escrita o problema cognitivo que envolve o estabelecimento da relação entre o todo e as partes que o constituem advém da elaboração de uma série de hipóteses produzidas por meio da construção de princípios organizadores. Resultados não só de vivências externas, mas também, por um processo interno, e apresenta como a criança assimila seletivamente as informações disponíveis e como interpreta textos escritos antes de compreender a relação entre as letras e os sons da linguagem.

O fato de um aluno estar alfabetizado não o torna necessariamente letrado. Por isso, a importância do educador em saber o que seu aluno sabe e identificar seus avanços, levando-o a desenvolver-se nos dois aspectos, tanto na alfabetização quanto no letramento. Ambos precisam estar presentes nessa jornada de aprendizagem dos estudantes (Ferreiro, 2017).

Desse modo, é importante ressaltar que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal é alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de maneira que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Soares (2022, p. 17) assertiva que a alfabetização é “ o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional.” No entanto, ler e escrever vai além dos conhecimentos notacionais constituídos por um conjunto de regras definidos como símbolos (letras) que funcionam para poder substituir os elementos em que se registram (sons) da língua, conforme se constata nas produções encontradas na academia científica.

Nessa perspectiva, ratifica-se a alfabetização e o letramento como processos interconectados, que exigem do educador não só a instrução de decodificação, mas também a competência para fomentar o uso social da escrita, habilitando o estudante a participar de várias práticas sociais, ou seja, compreender as finalidades de uso de cada gênero textual e sua função no mundo letrado. Isso incita o professor a buscar a compreensão de como o aluno aprende as hipóteses de escrita no processo de alfabetização, por conseguinte, geram anseios por estímulos, experiências e intervenções que construam e desvelem meios capazes de facilitar o desenvolvimento do nível de escrita do educando, planejando atividades pertinentes para seus avanços (Soares 2005, p. 45).

Não obstante, Ferreiro (2017, p. 36) denomina Alfabetização como “[...] processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que é representado por grafemas e fonemas da fala e o classificando por hipóteses.

Afirma que a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. E nesse processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável.

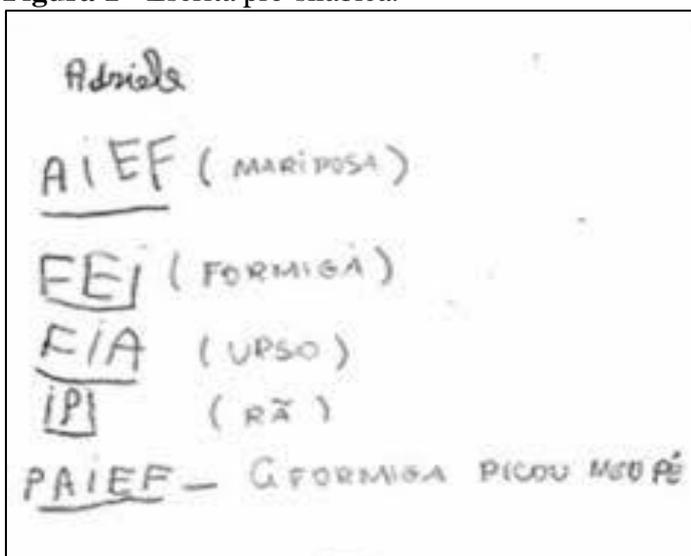
Para isso, Ferreiro e Teberosky (2007, p. 47) estabeleceram cinco níveis percorridos pelas crianças em processo de alfabetização. São eles: Pré-silábico - não conseguem relacionar

as letras com os sons da língua falada; Elas apresentam escritas sem o estabelecimento de vínculos entre fala e escrita; tem intenção de escrever por meio do traçado linear; utiliza-se de letras do próprio nome ou letras e números na mesma palavra; faz leitura global, individual e instável do que escreve, dentre outros registros escritos.

Hipótese Pré-silábica

Ferreiro e Teberosky (2007, p. 123) descrevem como hipótese pré-silábica como primeiro passo na jornada de alfabetização de uma criança, onde ela aprende duas coisas: que a escrita está relacionada à fala e entende os princípios básicos da escrita. Ela começa a se familiarizar com o mundo da leitura e expressa seus sentimentos por meio da escrita. Nessa fase a memorização é crucial para os educandos, pois eles precisam se lembrar do processo de escrita, embora não saibam como escrevê-lo corretamente. Esse processo ajuda no desenvolvimento da educação em alfabetização. Na hipótese pré-silábica em seus escritos a criança apresenta:

Figura 1 - Escrita pré-silábica.



Fonte: Educaipo (2013).

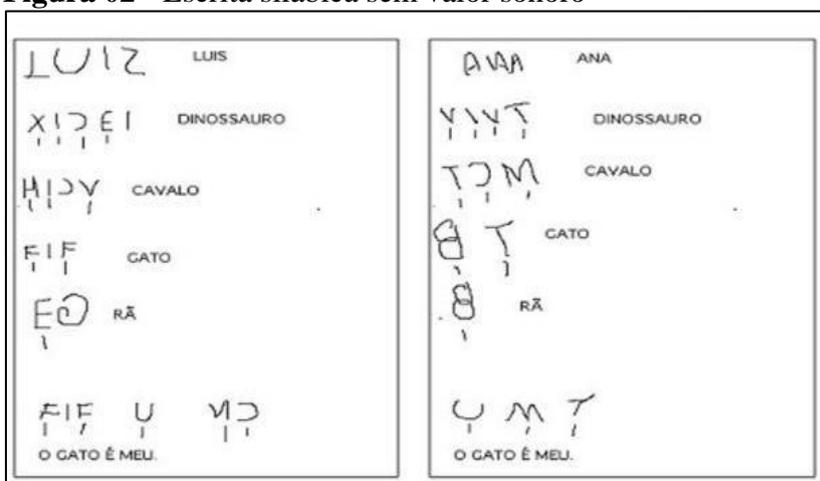
Hipótese Silábica

Subsequentemente, conforme Ferreiro e Teberosky (2007, p. 125) o aluno avança para o nível silábico quando o aluno inicia as primeiras associações entre a escrita e a fala a autora divide em dois níveis: o silábico sem valor sonoro e o silábico com valor sonoro. O Silábico

sem valor sonoro é quando o aluno utiliza letras que podem não representar os respectivos sons em relação à escrita, somente uma letra possui sílabas graficamente. O aluno interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma.

Na Silábico sem valor sonoro o aluno conscientiza-se de que existe relação entre a pronúncia e a escrita, iniciando o desvinculamento da escrita das imagens e os números das letras. Passa a conservar as hipóteses da quantidade mínima e da variedade de caracteres, relacionando a escrita e a fala a cada vez que pronunciar uma sílaba e for escrever uma letra, todavia, essa escrita de letra (grafema) não tem relação com o som (fonema).

Figura 02 - Escrita silábica sem valor sonoro



Fonte: Educaipo (2013).

No silábico com valor sonoro o aluno se preocupa em colocar não só uma letra para cada sílaba da palavra que está escrevendo, mas também letras, que correspondam aos sons contidos nas sílabas orais daquela palavra, sendo comum colocar vogais, já há a percepção de contar a quantidade de sílabas quando está representado no papel, mesmo havendo falta de algumas letras que compõe a sílaba.

Ao escrever, ele pode utilizar a relação da letra com o fonema agudo, usado para indicar vogais tônicas, as que se pronunciam com mais intensidade, sendo vogais ou sílabas consoantes e na última sílaba a vogal, ou seja, cada letra utilizada corresponde a um fonema. Conjectura que a escrita representa a fala e esforça-se em fonetizar a escrita dando valor sonoro às letras; supõe que a menor unidade da língua seja a sílaba e usa uma letra para cada vez que pronuncia uma sílaba, relacionando com o fonema (som). Por exemplo: MKO (macaco).

Figura 03 - Exemplo de escrita silábica com valor sonoro.

| | |
|--------|-------|
| MACACO | M K O |
| PEDRA | PA |
| BOTA | OT |
| CAFÉ | K F |

Fonte: Amorin, (2014)

Hipótese Silábica-Alfabética

Na hipótese Silábica-alfabética existe uma mistura da lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas. Esta é a hipótese considerada de transição. É um período de muitas descobertas e experimentações, onde o aluno compreende que as palavras são formadas por sons menores (fonemas) e que cada som pode ser representado por uma letra. Ele intermedia suas escritas entre o silábico e o alfabético. Todavia, compreende que a escrita tem uma função social, que existe uma maneira de construção do código da escrita e não tem problemas de escrita no que se refere ao conceito. Sabe que existe correspondência entre grafemas e fonemas e exigências para escrever.

Segundo Morais(2012, p. 62), nessa hipótese os alunos apresentam “um domínio muito maior das correspondências entre grafemas e fonemas que o exigido para escrever segundo a hipótese silábica” Nesse momento de alfabetização o aluno faz relações mais aprofundadas em relação à composição das sílabas, ao invés de representar uma letra para cada sílaba, percebe a necessidade de escrever determinadas letras para se conseguir os sons que as sílabas representam, por ser essa hipótese uma transição da “silábica” para a “alfabética”, o aluno escreve algumas vezes representando a sílaba inteira, e em outras uma letra para cada sílaba, ou seja, se antes escreviam MACACO com M K O, nessa fase escrita poderia ser: MA K CO ou MA C CO.

Nessa fase da alfabetização ocorre um significativo aprendizado. É o momento de transição entre o nível silábico e o alfabético. É no nível silábico-alfabético que o valor sonoro se torna crucial, pois a criança escreve de acordo com a sua audição, estabelecendo a conexão entre as palavras e define o valor sonoro de cada letra, avançando com qualidade ao nível pretendido, o alfabético.

Essa hipótese da escrita apresenta algumas características, dentre elas, a oscilação entre as duas lógicas: alterna entre escrever as palavras por sílabas e tentar representar os fonemas; tem consciência fonológica, começando a perceber os sons que compõem as palavras, mas ainda pode ter dificuldades em relacioná-los às letras; apresenta erros ortográficos, pois está construindo seu sistema de escrita. Por exemplo, a palavra "casa" pode ser escrita como "kasa" ou "kas". É nesse momento de escrita que o aluno percebe que a palavra tem mais de um som, mas ainda não domina a correspondência exata entre os sons e as letras.

Essa hipótese é de suma importância, pois nela ocorre o desenvolvimento da leitura e escrita e esse passo é fundamental para que o aluno adquira as competências leitora e escritora. Ao construir seu pensamento, adquire a compreensão dos sons da língua e contribui para o desenvolvimento do pensamento lógico e abstrato. Por isso, fazer leitura em voz alta, oferecer livros com ilustrações e textos variados, brincar com rimas e canções, estimular a consciência fonológica, deixar que o aluno escreva livremente, sem se preocupar com os erros, usar dicionários e jogos de palavras, explorando o mundo das letras de forma divertida são cruciais.

Figura 04 - Exemplo de escrita silábica alfabética



Fonte: Rodrigues (2021).

Nesta fase a criança vê que não é possível escrever apenas com uma letra para cada sílaba. Como essa é uma transição da "silábica" para a "alfabética", a criança começa a escrever algumas vezes representando a sílaba inteira, e em outras usando uma letra para cada sílaba.

Hipótese Alfabética

A hipótese Alfabética é a última etapa de compreensão do nosso sistema da escrita, pois, enfim, o valor das letras e sílabas foi compreendido pelo aluno. Inicia a compreensão do princípio alfabético, percebendo unidades sonoras menores do que as sílabas, os fonemas, e, gradualmente, dominam suas correspondências com os grafemas (letras). Realiza escrita correta das palavras ainda que com erros ortográficos e eventualmente algum tipo de troca de letras. Essa etapa ortográfica deverá ser trabalhada a partir desta fase na qual a criança já compreendeu o nosso sistema de escrita alfabética.

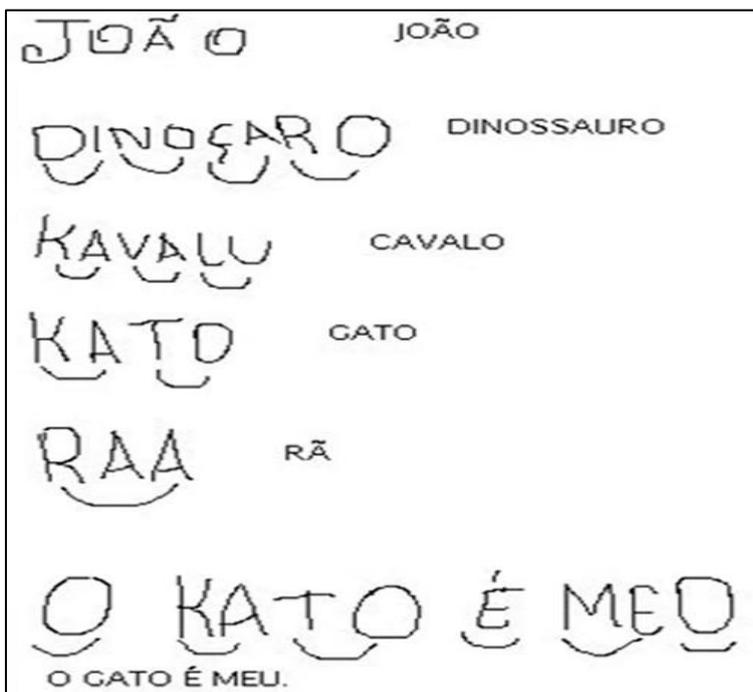
Ferreiro e Teberosky (2007, p.219), referendam na teoria da psicogênese da língua escrita, que o estágio final da alfabetização ocorre quando o aluno entende o sistema alfabético e se conecta profundamente com a escrita, reconhecendo até mesmo erros ortograficamente. Este estágio permite que o aluno comunique pensamentos, palavras e rabiscos, com evolução constante e foco no fonema-grafema do processo. Previne problemas de escrita no sentido estrito.

A apropriação da língua, como já se abordou anteriormente nesse estudo, envolve dois processos: Alfabetização e Letramento. Enquanto a alfabetização constitui-se o processo de compreensão da relação entre o fonema-grafema, em que o aluno pode ser denominado alfabetizado, por desenvolver habilidades de ler e escrever, de reconhecer letras, símbolos, sílabas, sintetizando-os na formação de palavras e frases, não necessariamente será considerado letrado, porque o letramento é um processo mais abrangente, que permite além do desenvolvimento de habilidades, a prática de comportamentos e uso do sistema convencional da escrita na produção e compreensão de textos incluídos em práticas sociais que envolvem o ler e o escrever (Soares, 2022, p. 17). Distingue, inclusive, os termos alfabetização como: “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” e letramento como: “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” e ratifica que letramento é a capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita. Associa o fenômeno aos papéis sociais que cada aluno (sujeito) exerce, pois que letramento envolve práticas mais abrangentes de compreensão, interpretação e uso autônomo da língua, considerando-se, sempre, o contexto que o aluno está inserido (Soares, 2005, p. 47).

A partir da hipótese alfabética desvela-se ao aluno a compreensão de que a escrita é uma forma de comunicação e que tem uso e função social. Ele tem conhecimento do valor sonoro de todas ou quase todas as letras do alfabeto e apresenta estabilidade na escrita das palavras. –

Compreende que cada letra corresponde aos menores valores da sílaba. Desperta sua capacidade em adequar a escrita à fala, fazendo leitura com ou sem uso de imagens e, logo após, iniciam-se as preocupações com as questões ortográficas.

Figura 05 - Escrita Alfabética.



Fonte: Educaipo (2013).

Dessa forma, sendo a escola, o espaço instituído em oferecer aprendizagens significativas aos estudantes, compete-lhe que dê aos alunos condições de desenvolverem competências de uso, com autonomia e adequação às diferentes situações de comunicação e interação da leitura e da escrita. Os capacitando para que possam saber utilizarem os diversos gêneros textuais, nas mais diferentes práticas sociais.

Letramento

Diversos estudiosos têm abordado sobre o conceito de letramento. Dentre eles, Kleiman (1995) que apresenta uma visão abrangente do letramento, destacando sua importância para a inclusão social e o desenvolvimento pessoal. É um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como ferramenta para interagir com o mundo. Não se trata apenas da habilidade técnica, mas a forma como se usa a leitura e a escrita em diferentes contextos e para diversos fins.

A definição de Kleiman (1995) contribui para a ampliação do conceito de letramento. Ela enfatiza no contexto conceitual a importância e a complexidade das práticas de leitura e escrita, a valorização da diversidade de práticas e reconhecendo que o letramento se apresenta de diferentes maneiras, e que depende de onde o sujeito está inserido. Oferece também incentivos às pesquisas, uma vez que estimula o desenvolvimento sobre a temática em diversos campos, dentre eles, o da educação.

A partir de Kleiman (1995) o conceito de letramento permite a compreensão de que a leitura e a escrita são ferramentas que possibilitam aos alunos participarem ativamente da sociedade em que vivem e a construir novos conhecimentos.

Segundo Weisz (2018, p.62) “ao ensinar a língua escrita em contextos letrados, a função do professor é observar a ação das crianças, acolher ou problematizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode fazer a reflexão dos alunos sobre a escrita avançar”. Dessa maneira, as práticas de letramento não devem se constituir mecanicamente, mas sim, de modo reflexivo mediante apresentação de situações problemas, permitindo aos alunos que apresentem espontaneamente as suas hipóteses e de serem ensinados a pensar sobre a escrita, utilizando textos significativos, reais e que circulam na sociedade, desse modo, utilizando a leitura e a escrita como forma de interação.

Rojo (1998) define letramento como um processo social, cultural e histórico, que envolve a dominação e a produção de sentidos por meio da língua escrita. É mais do que ter a capacidade de ler e escrever, pois abrange a participação ativa em práticas sociais que utilizam a escrita como ferramenta. Para ela o letramento se transforma ao longo do tempo. Varia entre diferentes culturas e contextos, portanto é um processo social e histórico. Por meio da escrita, ideias, valores e relações de poder se constroem e se disseminam, na medida em que o sujeito se torna letrado.

O letramento exige mais do que decodificação de textos, exige a capacidade de criar e interpretar significados. Por isso, assertiva que letramento não é só alfabetização. Alfabetização é a base, mas o letramento a supera porque envolve o uso da escrita em diversas situações da vida. Desenvolve e envolve a capacidade de se analisar e questionar os textos, expondo os interesses e ideologias que os sustentam.

Em suma, letramento para Rojo (1998) é plural, pois ocorre e existe em diferentes realidades e tipos, tais como, o digital, científico, o literário, nos aspectos: social cultural e histórico, dentre outros.

Soares (2001) oferece uma análise detalhada do conceito de letramento, explora suas

diferentes dimensões e sua relação com a educação. Para ela letramento é a capacidade de usar a leitura e a escrita nas práticas sociais com toda sua complexidade. Soares (2001, p 39-40) letramento “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Estudos indicam que o conceito de letramento se constitui de novas relações estabelecidas com as práticas de leitura e escrita na sociedade, constatou-se que não basta saber ler e escrever, é preciso compreender que funções a leitura e a escrita assumem na atualidade, em decorrência das novas exigências impostas pela cultura letrada (Soares, 2004).

Ferreiro (2017) não definiu o termo letramento de modo isolado, mas sim ao longo de seus estudos, por meio de variadas pesquisas e publicações.

Em relação ao letramento, o caracteriza como processo, pois considera que aprender a ler e a escrever não é um simples decodificar letras, mas sim, um percurso ativo de construção de significados, ao considerar que a criança não é um pote vazio a ser preenchido, ao contrário, que constrói seu próprio conhecimento sobre a escrita.

Descreveu como os sujeitos aprendem e que aprender a ler e escrever envolve práticas sociais de leitura escrita e o letramento como ferramenta faz o indivíduo pensar, comunicar e aprender. Para ela, a criança é o centro do processo do alfabetizar e letrar, daí a importância de um ambiente rico em estímulos para a construção do conhecimento.

Em suma, ao se estudar sobre letramento verifica-se que é um conceito complexo e multifacetado e está vinculado aos diversos aspectos da vida humana. Entretanto, ao se compreender o letramento, cria-se condições de promover práticas educativas mais eficazes e contribuir para a construção de uma sociedade mais cidadã, equitativa.

RESULTADOS ENCONTRADOS

Nas tabelas 1, 1.1, 2, 2.1, 3 e 3.1 estão relacionadas aos estudos de revisão sobre o total de alunos e quantos estão no nível alfabético durante e pós-pandemia.

Levantamento da situação dos alunos- Anos Iniciais 1º e 4º bimestre 2021- Rede Estadual.

Tabela 1 - 1º Bimestre.

| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|----------------|---|--------------------|---|--------------------|
| Escola 1 | 26 | 24 | 20 | 17 |

| | | | | |
|--------------|-----|-----|-----|-----|
| Escola 2 | 25 | 18 | 26 | 26 |
| Escola 3 | 31 | 27 | 14 | 11 |
| Escola 4 | 17 | 16 | 14 | 14 |
| Escola 5 | 29 | 12 | 26 | 21 |
| Escola 6 | 44 | 25 | 44 | 32 |
| Escola 7 | 38 | 31 | 46 | 39 |
| Total | 210 | 153 | 190 | 160 |

Fonte: Adaptado/CAED.

Tabela 1.1 - 4º Bimestre.

| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|--------------|---------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
| Escola 1 | 25 | 19 | 19 | 13 |
| Escola 2 | 23 | 8 | 27 | 24 |
| Escola 3 | 29 | 5 | 13 | 10 |
| Escola 4 | 15 | 3 | 14 | 14 |
| Escola 5 | 26 | 9 | 22 | 18 |
| Escola 6 | 40 | 8 | 40 | 21 |
| Escola 7 | 35 | 19 | 44 | 30 |
| Total | 193 | 71 | 179 | 130 |

Fonte: Adaptado/CAED.



Tabela 2 - 1º Bimestre.

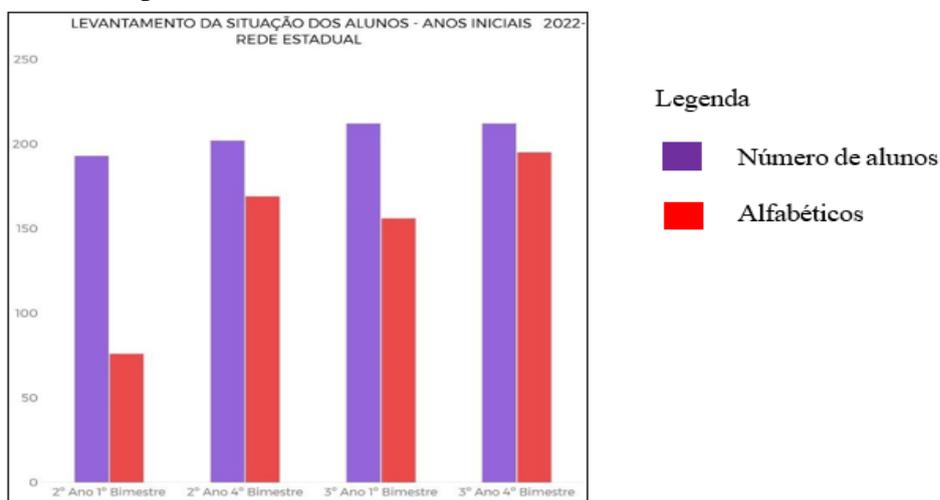
| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|----------|---------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
| Escola 1 | 26 | 19 | 27 | 25 |
| Escola 2 | 12 | 8 | 24 | 17 |
| Escola 3 | 20 | 5 | 32 | 27 |
| Escola 4 | 16 | 5 | 18 | 18 |
| Escola 5 | 24 | 7 | 29 | 14 |
| Escola 6 | 45 | 14 | 40 | 20 |
| Escola 7 | 51 | 18 | 42 | 35 |

Fonte: Adaptado/CAED.

Tabela 2.1 Bimestre

| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|--------------|---------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
| Escola 1 | 25 | 24 | 24 | 23 |
| Escola 2 | 13 | 12 | 23 | 23 |
| Escola 3 | 28 | 25 | 28 | 28 |
| Escola 4 | 16 | 15 | 19 | 19 |
| Escola 5 | 27 | 19 | 30 | 24 |
| Escola 6 | 41 | 31 | 42 | 35 |
| Escola 7 | 52 | 43 | 46 | 43 |
| Total | 202 | 169 | 212 | 195 |

Fonte: Adaptado/CAED



Fonte: Adaptado/CAED.

Levantamento da situação dos alunos- Anos Iniciais 1º e 4º bimestre 2023- Rede Estadual

Tabela 3 - 1º Bimestre

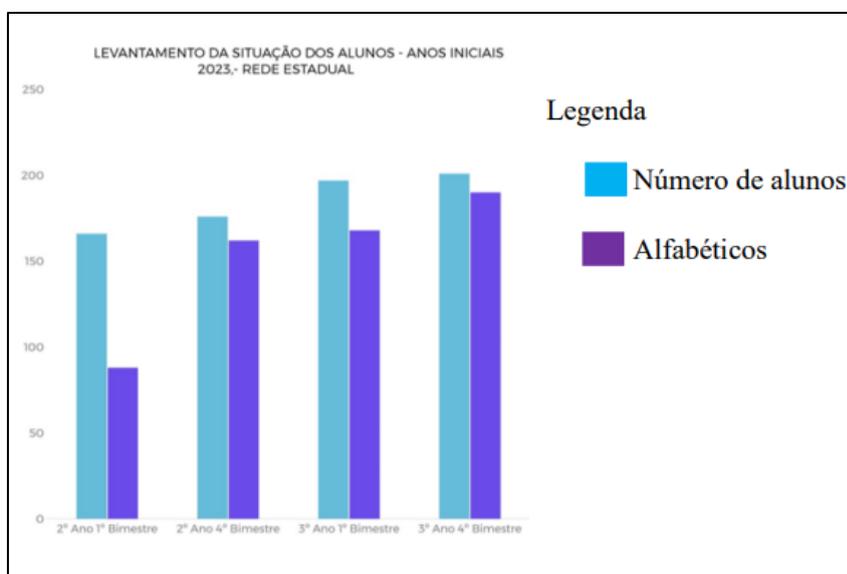
| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|--------------|---------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
| Escola 1 | 24 | 15 | 27 | 23 |
| Escola 2 | 0 | 0 | 11 | 11 |
| Escola 3 | 18 | 15 | 27 | 26 |
| Escola 4 | 14 | 8 | 16 | 14 |
| Escola 5 | 25 | 11 | 25 | 20 |
| Escola 6 | 40 | 13 | 41 | 33 |
| Escola 7 | 45 | 26 | 50 | 41 |
| Total | 166 | 88 | 197 | 168 |

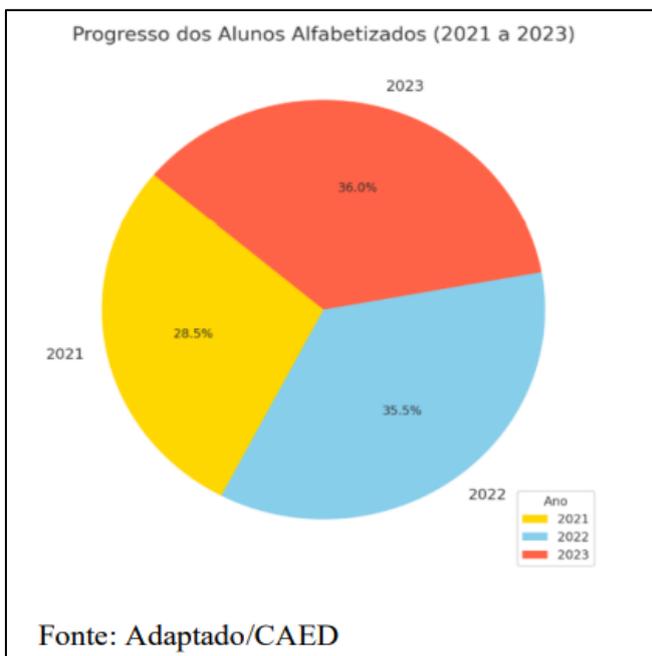
Fonte: Adaptado/CAED.

Tabela 3.1 - 4º Bimestre

| ESCOLAS | 2º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS | 3º ANO TOTAL DE ALUNOS | ALFABÉTICOS |
|--------------|---------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
| Escola 1 | 26 | 24 | 27 | 27 |
| Escola 2 | 0 | 0 | 12 | 12 |
| Escola 3 | 20 | 20 | 26 | 25 |
| Escola 4 | 16 | 16 | 16 | 16 |
| Escola 5 | 26 | 24 | 28 | 27 |
| Escola 6 | 44 | 36 | 39 | 34 |
| Escola 7 | 44 | 42 | 53 | 49 |
| Total | 176 | 162 | 201 | 190 |

Fonte: Adaptado/CAED.





A pesquisa indica que o efeito da pandemia de COVID-19 é mais acentuado entre os estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental da rede pública estadual. Quanto ao Ciclo Alfabetizador – 2ºs anos, em 2021, 2022 e 2023.

Ao se observar os diferentes bimestres de cada ano, nota-se um crescimento significativo no número de alunos alfabetizados, especialmente em comparação com os primeiros e os últimos bimestres de 2021 e 2023. Isso indica que o processo de alfabetização tem se fortalecido ao longo dos anos.

Embora o crescimento geral seja visível, há uma variação considerável entre as escolas. Por exemplo, a Escola 7 consistentemente apresenta altos números de alunos alfabetizados em comparação com outras instituições, como a Escola 3 e a Escola 4. Essas discrepâncias sugerem a necessidade de investigar fatores específicos em cada escola, como infraestrutura, apoio pedagógico, e a qualificação dos professores. A mediação do professor, combinada com a qualidade do ambiente de aprendizado, pode estar diretamente ligada a esses resultados.

Segundo Silva *et al.* (2020, p. 154) fica evidente que são essenciais as aulas presenciais e o papel dos professores como mediadores no processo de alfabetização é crucial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise provocada pela COVID-19 impôs desafios inéditos à educação, tornando mais evidentes e ampliando as desigualdades existentes no processo de aprendizagem. O fechamento

das instituições de ensino e a mudança repentina para o formato online causaram uma interrupção significativa na educação, impactando de maneira mais severa os estudantes que estão nos primeiros estágios da alfabetização. Esta pesquisa destacou que, além dos desafios relacionados à tecnologia e à infraestrutura, a ausência de suporte pedagógico e a disparidade no acesso a ferramentas tecnológicas tiveram papel crucial no agravamento desse cenário.

As repercussões da pandemia vão além da perda de conteúdo, elas impactam também os aspectos socioemocionais do processo de aprendizagem. É crucial restaurar a confiança e a motivação dos estudantes para recuperar o aprendizado. Assim, é essencial que as instituições de ensino adotem estratégias pedagógicas inovadoras e inclusivas, que levem em conta as particularidades de cada aluno e incentivem a intervenção do ensino como um componente fundamental nesse processo.

Portanto, para superar os efeitos da alfabetização após a pandemia, é necessário um esforço coletivo de educadores, administradores e famílias. É um apelo para que todos se empenhem em uma educação de alto padrão, que possam garantir que cada criança possua os recursos necessários para aprimorar suas competências de leitura e escrita, fundamentais para sua formação completa e inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Moacir F. **História da educação infantil**. 2014. Disponível em: https://slideplayer.com.br/slide/3227764/#google_vignette. Acesso em: 10 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNE - Plano Nacional de Educação 2020**. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 ago. 2024.

CAEd. Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação; UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. **Avaliação diagnóstica amostral da rede estadual de São Paulo – 2021 - Relatório Técnico**. 2021. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/RELATORIO-MEDIDAS-AVALIA%C3%87%C3%83O-AMOSTRAL-DIAGNOSTICA-2.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

EDUCAIPO. Cultura, lazer, educação e artesanato. **Hipóteses da escrita**. 2014. Disponível em: <https://educaipo.blogspot.com/2013/08/hipoteses-de-escrita.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FERREIRO, Emilia. A. **Psicogênese da Língua Escrita: Uma Abordagem Psicológica e**

- Pedagógica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 1-301.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 1- 168.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 1-101.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- RODRIGUEZ, Ana Maria de Souza. **Etapas da alfabetização**. 2021. Disponível em: <https://www.diaadianaescola.com.br/etapas-da-alfabetizacao/>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- ROJO, Roxane. **Alfabetização e Letramento**: Perspectivas Lingüísticas: perspectivas lingüísticas. Campinas. Editora Mercado de Letras, 1998.
- SANTOS, Caroline Katalin da Silva. *et al.* Desafios enfrentados pelo processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do fundamental. **Repositório ATTENA**, Recife, v. 1, n. 1, p. 1-20, set. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53453>. Acesso em: 22 maio. 2024.
- SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- SILVA, Carine Nascimento da. *et al.* Importância do professor mediador na alfabetização e letramento da educação básica. **Gestão e Desenvolvimento em Contexto**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 1, p. 151-162, out.2020. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/gedecon/article/view/183/181>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. **Revista Pátio**, v. VIII, n. 29, p. 20, fev./abr. 2001.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, Magda. **Alfa letrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 1-352.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 1-202.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 1-128.
- WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2018.